

## **Um sorriso pra quem passou, um monumento pra quem seguiu.**

A visita a um atelier-aquilombado de cara já me parecia dizer muito sobre o processo dessa obra: nenhuma parede separa os gestos que traça Acotirene nas suas idas e vindas em busca por sabedoria. “A gente sempre acha que o projeto é o lugar de chegada e só no caminho que entende que ele foi apenas uma desculpa para reconexão com o que os nossos olhos não são capazes de escutar no dia-a-dia”.

Soprou-me aos ouvidos Acotirene desde o início.

Como você pode perceber, Acotirene não se trata do que vemos mas sobretudo dos seus movimentos. As águas que inundam suas cabaças regam as políticas dos encontros. São carregadas de descobertas e incursões sobre si e sobre o mundo.

O que pode a arte então na prática dos contágios?

Falo não da sua vocação para afetar uma audiência esteta institucionalizada mas, de quando o gesto de mobilização plástica e matéria, não estando essencialmente interessada em responder as posições do mundo, se vê implicada sobretudo em proporcionar ajustamentos como estratégias de gestão de si. E nesse caso, não haveria nada mais relevante que o caminho que se trilha na busca por elaborar essa que nos parece surgir como memórias aquáticas, território soberano do corpo.

Mas no processo interativo com a obra, o que nos fala mais alto? A dimensão, o espaço ou seu composto matérico orgânico? Ao que nos conecta uma cabaça? Me ajusto a ela pelo o que me incomoda e suas estereotipias? Ou ando cedendo a minha completa ignorância e incompreensão?

Observo o excesso e simpatizo com a repetição: cachos e cachos se agrupam, imaginar grande é um desafio vencido na plantation. Se associa com o diagnóstico que tive durante uma recente pesquisa: trabalhar com o espaço é uma lacuna na historiografia da arte contemporânea quando enunciada por um corpo negro. Acotirene como uma mulher sábia, faz a sua tentativa escultórica e alinhava plano do conteúdo ao plano da expressão com esmero e definida intenção.

No entanto, para ajustar-se à obra no baile dos contágios, solicita-se uma sensibilidade perceptiva e uma competência cognitiva e epistemológica em perspectiva. Só assim poderemos falar sobre corpos que sentem e corpos sentidos, só assim a fruta poderá estar apta a significar o que o barulho da noite não é capaz de fazer-lhe escutar. Dito de outro modo, cabaça por cabaça Acotirene nos convoca a conhecer mais:

Se nem tudo são luzes, a gente se ascende é nos outros.

E onde não há luz, há profundidade.

Do encontro sobre essa obra caminhante que propõe Mônica Ventura para a II Mostra do Programa de Exposições 2018 do CCSP, carreguei ainda como impressão desse ajustamento, o entendimento sobre como se manifesta uma energia feminina de criação, que até pode estar explícita no título mas que anda certamente bem longe da experiência vivida. Colecionando alguns experimentos na performance, é indissociável a qualidade de presença que movimenta no espaço performando cabaças a artista, que com doçura e passo afiado, coloca em cena a sua trajetória como uma realizadora multidisciplinar.

Uma beleza de processo de pesquisa e uma total disponibilidade de ação que faz com que estejamos também a largos passos distantes das lógicas da representação: não é do mundo das encenações o que trouxe de gente cada semente. Planta-se aqui com seus frutos uma busca por

raízes e ainda que seja redutível significar a ancestralidade em uma única casca, potente são as águas que se movem, conhecimento motor de quem se ajusta trocando cabaças pelo caminho.

Instalando-se aqui, Acotirene fica como um sorriso pra quem passou, um monumento pra quem seguiu.

Diane Lima.

Curadora integrante do Grupo de Críticos de Arte do CCSP-Centro Cultural São Paulo

### ***A smile for those who passed, a monument for those who followed.***

*The visit to an aquilombado-atelier already seemed to tell me a lot about the process of this work: no wall separates the gestures that Acotirene traces in his comings and goings in search of wisdom. "We always think that the project is the place of arrival and only along the way do we understand that it was just an excuse to reconnect with what our eyes are not able to hear on a day-to-day basis".*

*Acotirene blew my ears from the beginning.*

*As you can see, Acotirene is not about what we see but above all about its movements. The waters that flood their gourds water the politics of meetings. They are full of discoveries and incursions about themselves and the world.*

*So what can art do in the practice of contagions?*

*I am not speaking of its vocation to affect an institutionalized aesthete audience, but of when the gesture of plastic and material mobilization, not being essentially interested in responding to the positions of the world, is seen to be involved above all in providing adjustments as self-management strategies. And in this case, there would be nothing more relevant than the path followed in the quest to elaborate this that seems to us to emerge as aquatic memories, sovereign territory of the body.*

*But in the interactive process with the work, what speaks louder to us? The dimension, the space or its organic material compound? What does a gourd connect us to? Do I adjust to her because of what bothers me and her stereotypes? Or am I giving in to my complete ignorance and misunderstanding?*

*I observe the excess and sympathize with the repetition: curls and curls group together, imagining big is a challenge overcome in the plantation. It is associated with the diagnosis I had during a recent research: working with space is a gap in the historiography of contemporary art when enunciated by a black body. Acotirene, like a wise woman, made her sculptural attempt and aligned the plane of content with the plane of expression with care and definite intention.*

*However, to adjust the work to the contagion ball, a perceptive sensitivity and a cognitive and epistemological competence in perspective are required. Only then will we be able to talk about bodies that feel and felt bodies, only then will the fruit be able to signify what the*

*noise of the night cannot make it hear. In other words, gourd by gourd Acotirene invites us to know more:*

*If not everything is lights, we rise in others. And where there is no light, there is depth.*

*From the meeting about this wandering work that Mônica Ventura proposes for the II Exhibition of the CCSP Exhibition Program 2018, I still carried as an impression of this adjustment, the understanding about how a feminine energy of creation is manifested, which may even be explicit in the title but which it is certainly far from lived experience. Collecting some experiments in performance, the quality of presence that moves in the space by performing gourds is inseparable from the artist, who with sweetness and a sharp step, puts her trajectory as a multidisciplinary director on stage.*

*A beauty of the research process and a total availability of action that means that we are also a long way from the logic of representation: it is not from the world of staging what each seed brought from people. Here, with its fruits, a search for roots is planted and although it is reducible to mean ancestry in a single bark, powerful are the waters that move, motor knowledge of those who adjust by exchanging gourds along the way.*

*Settling here, Acotirene is like a smile for those who passed by, a monument for those who followed.*

*Diane Lima. Curator member of the Art Critics Group of CCSP-Centro Cultural São Paulo*